

# EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

ANTÔNIO ELTON COSTA DE MELO<sup>1</sup>  
ACCÁCIO CORDEIRO DE ARAUJO<sup>1</sup>  
CARLOS ANDRÉ LIMA DE MELO<sup>1</sup>  
CASSIO HARTMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>DISCENTES DA FACULDADE DE ALAGOAS – FAL MACEIÓ/ALAGOAS/BRASIL  
<sup>2</sup>DOCENTE DO IFAL/INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS MARAGOGI E  
PROGRAMA EURO-AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SAÚDE –  
MEDICINA DO ESPORTE – UNIVERSIDADE CATÓLICA NUESTRA SEÑORA DE LA  
ASUNCIÓN – UC  
[eltoncosta10@hotmail.com](mailto:eltoncosta10@hotmail.com)

## DESAFIO LIBERTADOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Iniciar esta pesquisa sem dúvida é um prazer, encanto em poder aspirar um novo desafio, desafio este de Educar como prática da liberdade em uma Educação Física repleta de possibilidades e elementos fundamentais a uma efetiva educação.

Assim, a presente pesquisa envolverá uma teoria política, amorosa, dialógica, progressista, libertadora e acima de tudo esperançosa em tornar reais valores essenciais ao ser humano. Principalmente, pelo fato de se perceber que cada vez mais professor e aluno estão superficialmente alienados a uma rivalidade de “moral”, de “orgulho”, influenciada por um sistema de pessoas vencidas, corrompido pela indisposição, onde o educador além de expor ao próximo, alimenta-se desta compreensão perfídia, tornando ainda mais contagioso para aqueles insensíveis no âmbito educacional que afirmam “que os alunos não têm mais jeito, eles só querem brincar” “Os alunos não respeitam mais ninguém, não tem nada a fazer...” “E insistem que se eles não querem nada com a vida, então não somos nós que vamos impelir...” Já os alunos coagidos por uma cultura empáfia e egocêntrica insistem em não perder o duelo, pois, sem orientação para fazer o bem comum, fazem o contrário e assim vai-se criando uma sociedade sem valores, sem propósitos para uma educação transformadora.

Porém, conforme aquilo que Sant’anna e Menegolla (2011, p. 18) chamam a atenção no livro “Aprender a Ensinar”

Através da educação o homem pode buscar os seus próprios instrumentos e meios para viver, para se libertar das circunstâncias que a realidade social, cultural, política, econômica e religiosa lhe impõem, querendo subjugar-lo e torná-lo obediente a todos os apelos exteriores. O homem como individualidade é capaz de buscar, através da educação, sua realização como pessoa, como alguém consciente e crítico diante da vida.

Neste sentido, este mesmo livro de Sant’anna e Menegolla (2011, p. 22) nos ajudará com um aprofundamento consistente, enquanto virtudes para nos esclarecer sobre o que é produtivo e eficaz para educação. Onde afirma:

A missão educativa da escola deve ser essencialmente libertadora de consciências. Missão que liberte as pessoas, que realize e promova a pessoa em todas as dimensões. Educar a pessoa para a fé e esperança é promover o comprometimento do ser pessoal para com os valores sagrados da existência; é promover a bondade, a lealdade, a responsabilidade e a dignidade.

Afinal de contas se nós professores não persistirmos e convivermos com esta ideia, ficaremos apenas lendo livros sobre uma prática consciente na escola de autores ilustres e famosos.

Por isso, teremos os estudos de Paulo Freire, no qual possui uma linha de pensamento considerada de extrema relevância para a realização da presente pesquisa, preocupada em fazer o melhor desde o ensino à aprendizagem em um contexto social forte que carece de amor. Ao mesmo tempo, sabemos de sua convivência disposta ainda com todas as dificuldades que uma escola apresentava em sua época, E por que não tentarmos fazer desta proposta uma prática de exercício cotidiano.

E para isso, o livro “Pedagogia da autonomia” com seus saberes necessários à prática educativa, serão examinados, expondo as várias maneiras de ensinar com consciência e amor, sobretudo pelo ensino à vida.

Teremos como apoio o livro “Educação como prática da liberdade”, com suas reflexões sociológicas sobre uma pedagogia de liberdade, apresentando uma política educacional pertinente aos saberes, tanto dos professores como dos alunos, sem dúvida nos ajudará a desdobrarmos alguns paradigmas existentes na escola.

Também consultaremos o livro “Pedagogia do oprimido” por se tratar da necessidade de uma visão humana, crítica e sem dúvida da compreensão opressor-oprimido numa sociedade altamente capitalista, por isso a importância de refletir sobre esta relação dialógica intrínseca no livro.

Além destes livros acima citados procuraremos em artigos coerentes com nossa proposta libertadora, complementar nossa investigação sobre a prática consciente da Educação Física, tendo como exemplo o artigo de Evânea Joana Scopel “Educação Física Escolar e filosofia: uma prática consciente” intervindo com conhecimento de causa na formação do individuo como um todo.

Enfim, abrangeremos autores especialmente voltados ao nosso alvitramento, não só com subsídios da educação em si, mas, da Educação Física, como Eleonor Kunz com sua teoria “Crítico Emancipatória”, onde o aluno cria e recria novas formas de significar o movimento em si, aliando a um “Se movimentar” com autonomia dentro de um contexto formador, relacionando uma filosofia adequada com os princípios humanos, o que facilita para desenvolvermos nossa proposta libertadora.

Visto que a realidade ainda entre muitos professores de Educação Física consiste numa incompreensão de quais conteúdos ensinar e aprender nas aulas.

Este estudo terá como aspecto a ser analisado a relação professores e alunos no que se refere ao ensino-aprendizagem, onde as reciprocidades de opiniões equivaleram numa metodologia voltada à liberdade como princípio fundamental à superação tradicionalista da educação. Assim, espera-se o desenvolvimento de uma relação efetiva de ensino e aprendizagem na Educação Física Escolar.

E para realizar-se, o diálogo será a ponte para a meta libertadora, dignificadas de valores e práxis, assim, segundo Freire (1987, p. 92)

Sendo fundamentado do diálogo, o amor é, também, diálogo. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Desta forma o mesmo autor questiona

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros 'isto', em quem não reconheço

outro eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são 'essa gente', ou são 'nativos inferiores'? Como posso dialogar, se me fecho a contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? A auto-suficiência é incompatível como diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam ser mais (FREIRE, 1987, p. 93).

Deste modo, nossa referência partirá da união dos três elementos apresentados ao longo da problemática, a importância do ensino nos dias atuais como prática da liberdade, envolvida numa aprendizagem significativa, onde ambos necessitam de uma ligação coerente com os desígnios pedagógicos defendidos por nós, e por fim, a relação dialógica no qual terá a missão de metodizar o caminho de uma Educação Física desprestigiada ainda por professores e alunos que utilizam a prática de “rolar a bola” como aula. Enfim, esta pesquisa partirá principalmente da preocupação humanística, libertadora tanto de professores e alunos para que possamos encontrar uma prática pedagógica com respeito e mais comprometimento de nós educadores envolvidos na Educação Física Escolar.

## **POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

No livro “pedagogia da autonomia”, Freire (1996) apresenta ideias necessárias à prática educativa, pois, expõe várias maneiras de ensinar com consciência e amor, sobretudo pelo ensino à vida. Visto que precisamos conhecer novos horizontes metodológicos, novos caminhos a ser seguidos na educação. E neste sentido, nos remonta a seguir consciente do desafio do que é educar, no qual dinamiza um repertório atraente, inspirador aos anseios do ensino - aprendizagem na escola. Para isso, o professor é a chave principal para conduzir como exemplo de luz para os alunos, uma vez que sua responsabilidade é maior nesta arte de ensinar com dedicação e amor.

No livro “Educação como prática da liberdade”, Freire (1967) faz uma reflexão sobre a sociedade numa pedagogia livre do ser objeto, de ideologias sem práticas efetivas, principalmente educacionais, instrui a quebrar paradigmas existentes na escola, como não impor conteúdos, personalidade, mas, dialoga em comunhão, buscando sempre o melhor para todos numa coerência humana. Pois, se conseguirmos implementar uma proposta igualitária, sem distinções de gênero, raça, cultura, classe social, religião, etc., certamente conseguiremos grandes resultados na práxis escolar. Afinal, estamos em uma sociedade eferente, ou seja, que tira o ser humano do que é bom para a vida e conduz de dentro da escola para fora sem transformar, sem converter para os valores essenciais da relação entre seres que somos.

Não obstante, no livro “Pedagogia do oprimido” Freire (1987) contempla uma visão profundamente humana, e ao mesmo tempo, mostra-nos o sentimento da realidade cotidiana, onde somos submetidos a opressões mesmo que seja indiretamente na escola, quando um diretor afirma que nós professores precisamos ter moral para conseguir amansar os alunos, como se os alunos fossem animais, mas, sobretudo, não podemos enfatizar tanto estes tipos de coisas, pois assim perderemos muito tempo para pensar em novas possibilidades de colocar em prática novos desafios para superar as velhas.

Nós professores necessitamos de uma pureza muito grande para conseguirmos exercitar nossa profissão nos dias de hoje, a notoriedade no cotidiano está posta, briga de professores com professores, pelo orgulho de ser melhor, sem paciência um com o outro, professores com alunos, alunos com professores, um por conta que não procura resolver os problemas com amor por meio de diálogo e outro por conta da influência de uma sociedade superficial e cheia de direitos, porém sem deveres. Enfim, não adiantará fazer pesquisas sobre o ensino, sobre a aprendizagem, sobre as melhores formas e maneiras de conduzir a educação com referências como estas de Paulo Freire, se não queremos de coração transformar numa prática de liberdade, dedicada a educar sem desvios exteriores.

## **O ENSINO E A APRENDIZAGEM COMO PRÁTICA DA LIBERDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Há atualmente uma abstração de metodologia no processo educacional com relação ao ensino e a aprendizagem na Educação Física. Haja vista, os conflitos existentes no cotidiano, sejam de conteúdos ou no processo social. Constatando com a experiência de professor do dia a dia, assisto professores afirmando “nós professores não temos conteúdos definidos para desenvolvermos nossas aulas”, porém, e nossa capacidade de procurar, pesquisar o que está posto em relação a novas possibilidades de interpretação, apresentação do movimento, como por exemplo, o estudo de Kunz (2001) com uma proposta democrática condicionada à autonomia do professor, como criador de sua própria arte de ensinar e aprender, envolvida de reciprocidade de conhecimentos entre professor e aluno.

Conforme afirma Freire (1996, p. 15)

Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pensa errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. Por isso é que o pensar certo, ao lado sempre da pureza e necessariamente distante do puritanismo, rigorosamente ético e gerador de boniteza, que me parece inconciliável com a desvergonha da arrogância de quem se acha cheia ou cheio de si mesmo.

Desta forma, não possuímos a verdade, entretanto, podemos construir ela, a partir da humildade, comunhão e amor à vida. Amando a vida, descobriremos meios para reconhecermos que os conteúdos, especialmente da Educação Física Escolar, são apenas a libertação da privação de movimentar-se com alegria e satisfação, reflexo de uma sociedade sedentária, onde, culturalmente, a população progressivamente semeia sua própria indisposição. Por isso, hoje estamos colhendo a inatividade global, processo que poucos pensam, já que queremos tudo na mão, como no fato de que antigamente tínhamos que ligar a televisão no próprio monitor e hoje existe o controle.

Percebe-se, assim, a importância da função do educador em não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar o mundo que vivemos para apreendermos a gerar novas maneiras de expressão corporal, sempre num contexto real das necessidades dos alunos.

A partir daí pode-se perceber a função social da Educação Física Escolar, com enfoque fundamental na compreensão da história do seu próprio ser enquanto pessoa em desenvolvimento educacional, condicionado, crítico e responsável de perceber-se no mundo.

Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas ao mesmo tempo, explica-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte ao mundo nos coloca. Renuncio a participar a cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo

não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também há história (FREIRE, 1996, p. 31).

Portanto, entende-se como imprescindível para os educadores, considerar o valor que cada indivíduo possui enquanto ser livre e produtor da aprendizagem na coletividade escolar.

## **O DIÁLOGO COMO MEIO PARA ALCANÇAR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO PRÁTICA DE LIBERDADE**

Para que o diálogo seja efetivo na Educação Física Escolar necessita-se de uma busca constante de rompimento de uma alienação, onde não podemos apenas expor, impor conteúdos restringindo a liberdade, como se fosse depositando conteúdo em uma caixa vazia, mas proporcionar desafios a qualidade de aprender, edificando-se numa equivalência de criação, tal como aponta Freire (1987, p. 80), em sua importante reflexão

Na medida em que o educador apresenta os educandos, como objeto de sua 'ad-miração', o conteúdo, qualquer que ele seja, do estudo a ser feito, 're-admira' a 'ad-miração' que antes fez na 'ad-miração' que fazem os educandos.

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade.

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a torna-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada.

Por isso, nossa preocupação em dispor do diálogo verdadeiro, puro de esperança e amor, em conseguir sermos nós mesmos sem influência negativa dos outros, precisamos sonhar juntos com os alunos uma nova fase para a Educação Física, com liberdade, embora com consciência dos valores humanos na prática pedagógica. Enfim, temos todas as possibilidades de criar, recriar nossa educação.

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Freire, (1987, p. 90).

Desta forma, o artigo de Marimon (2010), intitulado "Paulo Freire as Metodologias Críticas da Educação Física: Influências e aproximações" ressalta o processo de construção do conhecimento da necessidade na relação dialógica, conforme Freire (1987):

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 79).

Ou seja, o diálogo é a aproximação do que realmente pretendemos enquanto solução da liberdade dos oprimidos sobre os opressores seja do professor alienado ou do aluno sem defesa, onde o sistema escolar induz à moralidade desproporcional a racionalidade humana, consequentemente gerando conflitos.

Sendo assim, tenhamos fé e dedicação nas aulas para alimentarmos cada vez mais de que tudo nós podemos quando acreditamos na transformação através da tomada de consciência através do diálogo.

## **JUSTIFICATIVA**

Este estudo parte da necessidade de uma libertação tanto de professores quanto alunos alienados a uma prática pedagógica ilusória. No qual, a falta de sensibilidade humana e dedicação prejudicam o relacionamento do ensino aos alunos, além disso, os professores depositam conteúdos e informações como se os alunos fossem caixas vazias, como não tivesse nenhum valor.

Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. (FREIRE, 1987, p. 66).

Neste sentido, expor formas reais de educar com amor, mediado pelo diálogo é o que almejamos.

O caminho, por isto mesmo, para um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionária, não é a “propaganda libertadora”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade nos oprimidos, pensando conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles. (1987, p. 61).

Sendo assim,

Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. (1987, p. 64).

Deste modo, a presença dos alunos será fundamental para busca da libertação que defendemos na escola.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Verificar e apresentar a relação existente entre ensino, aprendizagem e o diálogo como caminho para uma Educação Física Escolar como prática da liberdade.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Apresentar por meio de revisão bibliográfica, o recíproco valor do professor e aluno, no desenvolvimento libertador das aulas de Educação Física;

Apresentar o diálogo como um instrumento fundamental no processo de libertação, nas aulas de Educação Física.

## **METODOLOGIA:**

A pesquisa a ser realizada neste trabalho será classificada como exploratória. Pois ao se referir à pesquisa exploratória, Andrade (2002) ressalta algumas finalidades primordiais, como: proporcionar maiores informações sobre o assunto que será investigado; facilitar a delimitação do tema de pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses; ou descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto.

Nesse sentido, o levantamento bibliográfico será o primeiro procedimento metodológico a ser realizado Gil (1999) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Apesar de praticamente todos os outros tipos de estudo exigirem trabalho dessa natureza, há pesquisas exclusivamente desenvolvidas por meio de fontes bibliográficas.

Para atingir os objetivos explicitados, foi escolhido o método dialético, pois,

de forma aproximativa e sintética, o método dialético supõe a investigação da conexão íntima entre a forma pela qual a sociedade produz sua existência material e a escola que cria. O fundamental do método não está na consideração abstrata dos dois termos, escola e sociedade, relacionados a posteriori, mas na relação constitutiva entre eles, pois esses termos só existem nessa condição. A dialética não é uma relação mecânica que descortina, para além da aparência (escola), uma essência metafísica (sociedade), mas, sim, uma condição recíproca de existência. Dito de outra maneira, a criação e o desenvolvimento de uma determinada instituição escolar estão condicionados por uma determinada sociedade que, por sua vez, é influenciada pelos rumos que a escola venha a tomar. Essa influência adquire tamanha amplitude que chega a moldar suas relações de produção, sem esquecer, porém, que, na produção da escola, a sociedade opera de forma conflituosa, pois as classes sociais opostas lutam em favor de escolas que atendam aos seus próprios interesses. (BOBBIO ET AL., 1990).

Portanto, para o método dialético, o fundamental em pesquisas sobre instituições escolares, relacionar o particular (o singular, o dado empírico) com o geral, isto é, com a totalidade social. Dessa relação, emergem a história e a filosofia da instituição, em seu sentido pleno. (...) Na fase de investigação, a totalidade histórica está presente apenas intencionalmente, porque, nesse primeiro momento, o que importa é, "(...) captar detalhadamente a matéria, analisar as várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima (...)". (MARX, 1983, p. 20).

Esta opção se justifica porque o método escolhido permite a observação da produção de obras que servirão de justificativa para a pesquisa. A pesquisa utilizar-se-á de ferramenta de documentação de dados bibliográficos, com base na teoria de Paulo Freire. Estas ferramentas permitiram a compreensão de ensinamentos e abordagens bem fundamentadas no processo.

## **CONCLUSÃO**

Neste estudo, apresentou-se que é possível sonhar, acreditar em uma possibilidade libertadora na Educação Física Escolar, mostrando que não podemos continuar sendo influenciados por autoritarismos e orgulhos de professores insensíveis a função social da escola, ao mesmo tempo, que não podemos baixar a cabeça para alunos desalienados do mundo, pois, devemos mostrar o lado bom da vida, enfim, buscamos aspirar uma nova maneira de desenvolver as aulas de Educação Física com humildade, esperança e amor, associada ao ensino a aprendizagem mediada sobre o diálogo. Desta forma, esperamos

continuar o desafio de libertar as pessoas da convivência superficial de que tudo pode mesmo sem respeito e consciência de fé no eu e no outro e na depressiva ligação invirtuosa de agir na educação, especialmente na Educação Física, portanto, procuramos proporcionar uma reflexão teórica que nos sensibilizasse de valores fundamentais a vida humana.

## REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. Firpo in Utopia (posfácio). **L'Utopismo del Rinascimento el'età nuova** (Luigi Firpo). Alpignano: Alberto Tallone Editore, 1990.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARIMON, T. M. Paulo Freire e as metodologias críticas da educação física. **Eccos Revista Científica** - Uninove – São Paulo –n. 75 -Setembro, 2010.
- MARX, K. **O capital crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KUNZ, E. **Didática da educação física 3: futebol**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.
- SANTT'ANNA, I.M. e MENEGOLLA, M.,. **Didática: aprender a ensinar**, 9 ed. Loyola São Paulo, 2011.
- SCOPEL, E. J. Educação Física Escolar e Filosofia: uma prática consciente. **Revista Digital - Buenos Aires** - ano 10, n.87. Agosto, 2005.

### **Antônio Elton Costa de Melo**

Rua: José Cabral nº 44

Bairro: Centro

CEP: 57770 000

Cajueiro - AL

Email: [eltoncosta10@hotmail.com](mailto:eltoncosta10@hotmail.com)

Fone: 82 32841828 Cell: [82 96775316](tel:8296775316)